

PROFESSORA DA FLORESTA: RELATOS DOS DESAFIOS VIVIDO POR UMA DOCENTE NOS CONFINES DA AMAZÔNIA BRASILEIRA

*TEACHER OF THE FOREST: reports of the challenges experienced by a teacher in the confines of the
Brazilian Amazon*

*MAESTRO DEL BOSQUE: informes de los desafíos vividos por un maestro en los confines de la Amazonía
brasileña*

Maria Liziane Souza Silva¹
Paulo Cesar Barros Pereira²

Foto 01: Professora Maria de Lourdes



Fonte: Autores, 2021.

RESUMO

Este artigo traz os relatos das experiências vividas por uma professora do município de Mâncio Lima, no estado do Acre, durante os primeiros anos de sua carreira docente, ainda na década de 1970. As dificuldades e os inúmeros desafios enfrentados naquela região de difícil acesso não a fez desistir de seu principal ofício, à docência. A Sra. Maria de Lourdes demonstra de forma alegre e positiva tudo o que passou e revela que na verdade todo processo vivido foi muito proveitosos porque fazia com amor. Ela teve que ser forte em muitos momentos pois não havia os recursos e instrumentos básicos para o ensino em sala de aula foram dias difíceis e pesar de todos os desafios enfrentados ela nunca olhou pela perspectiva negativa, mas sempre com satisfação em ser professora, em realizar o propósito da docência, isso foi sempre o que a moveu. Para este artigo adotamos o método fenomenológico que privilegia a empatia, as percepções, as subjetividades, as emoções e as afetividades dos sujeitos pesquisados. Como técnica adotamos como principal a fonte oral pois tem se mostrado através dos séculos como a maior fonte humana de conservação e difusão do saber.

Palavras Chaves: trajetória; professor; memórias.

¹ Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: liziane.souza.silva@hotmail.com

² Doutorando no Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: paulo.barros.pereira12@gmail.com

PROFESSORA DA FLORESTA: relatos dos desafios vivido por uma docente nos confins da Amazônia brasileira

Maria Liziane Souza Silva; Paulo Cesar Barros Pereira

ABSTRACT

This article brings the reports of the experiences lived by a teacher from the city of Mâncio Lima, in the state of Acre, during the first years of her teaching career in the 1970s. The difficulties and countless challenges faced in that region of difficult access did not make her give up her main job, teaching. Ms. Maria de Lourdes demonstrates in a happy and positive way everything she went through and reveals that, in fact, the entire process was very fruitful because she did it with love. She had to be strong in many moments because there were no basic resources and instruments for teaching in the classroom, these were difficult days and despite all the challenges she faced she never looked at it from a negative perspective but always with satisfaction in being a teacher, in realizing the purpose of teaching, that was always what moved her. For this article, we adopted the phenomenological method that privileges empathy, perceptions, subjectivities, emotions and affectivities of the researched subjects. As a technique, we adopted the oral source as the main one, as it has shown itself over the centuries as the greatest human source of conservation and dissemination of knowledge.

Keywords: trajectory; teacher; memoirs.

RESUMEN

Este artículo trae los relatos de las experiencias vividas por una docente de la ciudad de Mâncio Lima, en el estado de Acre, durante los primeros años de su carrera docente, en la década de 1970. Las dificultades y los innumerables desafíos que enfrenta esa difícil región el acceso no la obligó a renunciar a su trabajo principal, la docencia. La Sra. María de Lourdes demuestra de manera feliz y positiva todo lo que pasó y revela que, de hecho, todo el proceso fue muy fructífero porque lo hizo con amor. Tuvo que ser fuerte en muchos momentos porque no había recursos e instrumentos básicos para la enseñanza en el aula, eran días difíciles y a pesar de todos los desafíos que enfrentó, nunca lo miró desde una perspectiva negativa, sino siempre con satisfacción de estar una maestra, al darse cuenta del propósito de enseñar, eso era siempre lo que la movía. Para este artículo adoptamos el método fenomenológico que privilegia la empatía, las percepciones, subjetividades, emociones y afectividades de los sujetos investigados. Como técnica, adoptamos la fuente oral como principal, ya que se ha mostrado a lo largo de los siglos como la mayor fuente humana de conservación y difusión del conocimiento.

Palabras clave: trayectoria; profesor; memorias.

INTRODUÇÃO

A ascensão profissional feminina no decorrer dos tempos sempre foi permeada por diversas ordens de conflitos, confrontos e obstáculos. E, apesar de já ter avançado bastante em suas conquistas de direitos, e mostrarem quão fortes são, ousadas e firmes em tomada de decisões, ainda é muito comum serem caracterizadas como “sexo frágil”.

O debate sobre função docente não é algo recente. Quando analisamos os registros teóricos percebemos que o tema é bastante explorado, mas, ao mesmo tempo em que é um tema difundido alguns pontos ainda passam despercebido, principalmente quando se trata da educação do campo. A profissão docente ao longo dos tempos passou por constantes e intensas transformações, seja

PROFESSORA DA FLORESTA: relatos dos desafios vivido por uma docente nos confins da Amazônia brasileira

Maria Liziane Souza Silva; Paulo Cesar Barros Pereira

no campo econômico, social e/ou político, diferenciando-se claro, pelo país em que ela acontece. Neste sentido constitui-se tarefa bem complexa, difícil e repleta de desafios a análise desta temática uma vez que exige também outros olhares.

Partindo deste contexto agreguemos a situação da mulher professora nos locais mais remotas do Brasil. Por vezes enfrentam situações típicas de suas regiões e é neste momento que revelam a imensa capacidade de ler e agir as entrelinhas das adversidades. Mais do que vivenciar problemas, esta mulher mostra seu compromisso com a profissão.

O presente artigo tem a finalidade de refletir sobre a trajetória de vida docente e as dificuldades enfrentadas da professora, a Sra. Maria de Lourdes Souza Silva, moradora do Município de Mâncio Lima no Estado do Acre, durante a jornada diária de trabalho nos primeiros anos de sua carreira, durante final a década de 1970. Dona Lourdes, mais conhecida como “professora Lurdinha”, é muito conhecida e querida em Mâncio Lima. Teve sete filhos, fruto de seu casamento com o agricultor/camponês Manoel Emídio e conseguiu realizar seu sonho de se formar como Pedagoga aos seus 58 anos, em 2012.

Para compreensão das vivências e experiências desta professora, sobressai a abordagem fenomenológica, por ser um método que traz a luz à empatia, que contempla as percepções, as subjetividades, as emoções e suas afetividades. O método escolhido permitiu durante a entrevista uma troca de sentimentos empáticos, de forma a poder colocar-se no lugar do outro, na capacidade de poder sentir a dor do outro e compreendê-lo como se fossem um só. Foi na aposta destas sensações, em valorar estas sensibilidades, ouvindo cada particularidade, que se optou pela fenomenologia. Em verdade, foi uma aposta na consciência doadora imaginária aquilo que Husserl (1989) afirma como: a suprema fonte de todas as afirmações racionais.

A técnica adotada neste estudo foi a da fonte oral, que para (GONÇALVES e LISBOA, 2007) tem se mostrado, através dos séculos, a maior fonte humana de conservação e difusão do saber, e a maior fonte de dados para a ciência em geral, uma vez que antecede o desenho e a escrita.

A escolha desta metodologia visa dar espaço à estas mulheres anônimas para a produção e divulgação de suas histórias. Ouvir estes relatos foi como voltar ao tempo, fazer este tempo presente, algo vivo, que é na verdade, nosso esforço aqui. Poulet (1992), afirma que é graças a esta memória, que o tempo não está perdido. E apesar de entender que o uso oral não é uma representação exata do que existiu, é através deste esforço que buscamos propor uma inteligibilidade, dando voz as professoras rurais. O ouvir e descrever esta história é uma forma de

PROFESSORA DA FLORESTA: relatos dos desafios vivido por uma docente nos confins da Amazônia brasileira

Maria Liziane Souza Silva; Paulo Cesar Barros Pereira

atenuar o campo de nossas indagações, também de poder fazer ecoar essas outras importantes vozes.

Assim, para sua concretização esta pesquisa passou pelas seguintes fases:

- Primeira etapa: Localização da entrevistada no município de Mâncio Lima Acre;
- Segundo etapa: Agendamento do dia, local e horário mais conveniente, respeitando a preferência da entrevistada;
- Terceira etapa: viagem ao município: fevereiro de 2017;
- Quarta etapa: visita e concretização da entrevista, com perguntas pré-selecionadas, mas assistemática, como numa conversa informal. (Nesse momento com permissão da participante foi feito registros fotográficos e gravação de suas falas por um celular).
- Quinta etapa: transcrição das narrativas na íntegra para o computador.

Este artigo é resultado das diversas entrevistas colhidas em campo durante fase pesquisa de Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia em 2018.

ÁREA DE ESTUDO: município de Mâncio Lima, estado do Acre

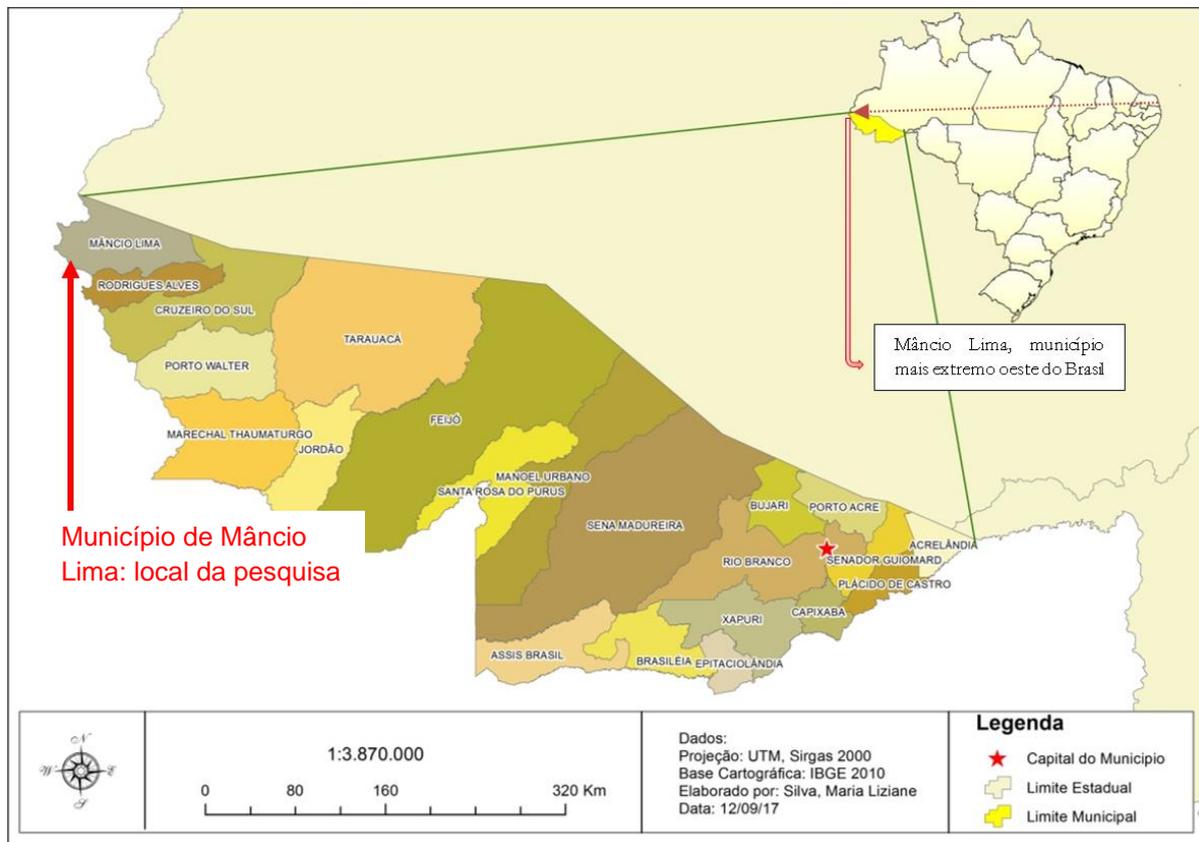
O estado do Acre foi constituído em 15 de junho de 1962 e historicamente teve sua economia baseada no extrativismo vegetal, sobretudo da exploração da borracha (ACRE, 2009). Localiza-se na Amazônia sul ocidental, entre as longitudes de 66°38' WGr e 74°00' WGr e latitudes 7°07' S e 11°08' S, fazendo limites internacional com o Peru e a Bolívia e divisas estaduais com Rondônia e o Amazonas. Possui uma área de 164.123,737 km², representando 1,92% do território nacional e 4,26% da região norte e hoje sua demografia é de 4,47 hab/km² com estimativa populacional para 2021 de 906.876, tem como capital a cidade de Rio Branco e Mâncio Lima é um dos seus 22 municípios, o mais distante da capital ocidental (BRASIL, 2021).

O recorte espacial escolhido para este estudo é o município de Mâncio Lima (ver mapa 01), no interior do estado, conhecido por abrigar o e o mais distante em linha reta da capital federal Brasília, região onde vive atualmente a professora Maria de Lourdes. O município faz limita ao norte com o Amazonas, ao sul e a oeste com o Peru e a leste com o município de Rodrigues Alves e Cruzeiro do Sul.

PROFESSORA DA FLORESTA: relatos dos desafios vivido por uma docente nos confins da Amazônia brasileira

Maria Liziane Souza Silva; Paulo Cesar Barros Pereira

Mapa 01: Município de Mâncio Lima no estado do Acre



Fonte: Autores, 2017.

O município nasceu de um povoado denominado Vila Japiim em uma imensa região banhada pelo Rio Moa e afluentes, cortada por igarapés e igapós. (ACRE, 2018).

Figura 01, 02: à esquerda, centro de Mâncio Lima, década de 1970; a direita dias atuais



Fonte: Prefeitura Municipal de Mâncio Lima

PROFESSORA DA FLORESTA: relatos dos desafios vivido por uma docente nos confins da Amazônia brasileira

Maria Liziane Souza Silva; Paulo Cesar Barros Pereira

Antes do início da formação deste município fixou-se grande número de nordestinos predominando entre eles os cearenses, ainda em finais do século XIX para cortar seringa. Foram eles os pioneiros a chegar em terras de vários povos indígenas, entre eles Nawas, Poyanawas e Nikinins e formaram a base do que se conhece hoje por Mâncio Lima (ACRE, 2018). Naquele momento, conhecido como “o primeiro ciclo da batalha da borracha” a Amazônia brasileira recebeu milhares de homens que embrenhavam-se floresta a dentro para à extração do látex, o ouro branco da época. A região era a principal fornecedora do látex para o mercado mundial. Desse período até a Segunda Guerra Mundial a região destacou-se como palco da produção da borracha e fornecedora para países tendo como principal os Estados Unidos. Para a extração do látex foi recrutado a mão de obra nordestina para os seringais da Amazônia (SILVA, 2018a).

Atualmente, de acordo com o IBGE, a população do município está estimada em 19.643 pessoas para 2021. De acordo com a mesma fonte, em 2019, o salário médio mensal era de 1.5 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 4.8%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 18 de 22 e 17 de 22, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 4906 de 5570 e 5319 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 48.7% da população nessas condições, colocando-o na posição 5 de 22 dentre as cidades do estado e na posição 1628 de 5570 dentre as cidades do Brasil (BRASIL, 2021).

Figura 03, 04: Mâncio Lima década de 1970 e dias atuais



Fonte: Prefeitura Municipal de Mâncio Lima

PROFESSORA DA FLORESTA: relatos dos desafios vivido por uma docente nos confins da Amazônia brasileira

Maria Liziane Souza Silva; Paulo Cesar Barros Pereira

Figura 05: Alameda dos portos, balneário principal do município em dias atuais



Figura 06: Terra Indígena Nukini, alto do Rio Moa



Fonte: Prefeitura Municipal de Mâncio Lima

Em Mâncio Lima, o último Censo IBGE apresentou a taxa de escolarização (para pessoas de 6 a 14 anos) de 94.9% em 2010. Isso posicionava o município na posição 4 de 22 dentre as cidades do estado e na posição 5043 de 5570 dentre as cidades do Brasil (BRASIL 2021). Todos estes dados apontados anteriormente revelam um município com pequeno desenvolvimento populacional, na economia, mas com boa taxa de escolarização no ensino infantil.

PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A escola possui papel fundamental no processo reflexão, inserção e transformação social do aluno. Dessa forma, o ensino deve estar pautado na cidadania, fazendo conexão do cotidiano do aluno com o mundo global. A respeito disso, a Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 205 na ânsia pela democratização educacional brasileira, estabelece que: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 2019, p.77). Deste modo, nota-se o respaldo que dá a nossa Constituição ao conferir que a educação é absolutamente necessária para a cidadania, uma vez que contribuirá na preparação de cidadãos bem informados e conscientes de sua responsabilidade ética e social.

As ideias de Paulo Freire (1970) nos remetem a essa questão ao justificar o título de sua obra “Pedagogia do Oprimido”, e explica que o homem precisa transforma-se num sujeito de sua realidade histórica, humanizando-se, lutando pela liberdade, pela desalienação, pela afirmação, enfrentando a classe dominadora que tenta perpetuar-se. O tipo de pedagogia que Freire lutava era

PROFESSORA DA FLORESTA: relatos dos desafios vivido por uma docente nos confins da Amazônia brasileira

Maria Liziane Souza Silva; Paulo Cesar Barros Pereira

por uma libertadora e humanista, onde a luta do homem se dá através da reflexão sobre a opressão e suas causas, gerando uma ação transformadora no indivíduo. Freire traz à tona a questão da relação dialética (contradição) entre opressores versus oprimidos e de como é necessária uma prática que possa orientar uma ação, visando a superação dessas contradições. O conceito de educação, problematizado por Freire, está caracterizado enquanto um processo humanizador e emancipatório dos indivíduos.

O Brasil, posicionado entre os 10 países mais desiguais do mundo, possui quase 12 milhões de analfabetos e mais da metade dos adultos entre 25 e 64 anos não concluíram o Ensino Médio. São quase dois milhões de crianças e jovens de 4 a 17 anos fora da escola e 6,8 milhões de crianças de 0 a 3 anos sem vaga em creche (BRASIL, 2019).

No Ensino Fundamental, em 2017, a porcentagem de crianças e adolescentes entre 6 a 14 anos matriculados era de 90%. No entanto, dos 90%, pouco mais de 60% dos jovens de 16 anos concluíram o Ensino Fundamental. Isso sinaliza uma distância significativa em relação à meta do Plano Nacional de Educação – PNE, que tem como objetivo universalizar o ensino fundamental para toda a população, de 6 a 14 anos, e garantir que pelo menos 95% dos alunos conclua essa etapa na idade recomendada (BRASIL, 2019).

Quanto ao Ensino Médio, esses dados são ainda mais excludentes e desiguais. Em 2017 a média nacional de jovens de 19 anos que concluíram o Ensino Médio foi de apenas 59,2%. Trata-se de um quadro grave, com cerca de 2 milhões de jovens entre 15 a 17 anos que ainda estão no Ensino Fundamental e outros 903,1 mil não estudam e não concluíram o Ensino Médio. Distante da realidade dos jovens, pouco atraente e sem flexibilidade para os diferentes interesses dos alunos, o Ensino Médio brasileiro hoje vive a expectativa do impacto de diferentes políticas em vias de implementação. (BRASIL, 2019).

Diante o contexto verifica-se a imensa dificuldade de superação que possui o ensino no Brasil. Infelizmente o sistema educacional atual se configura de forma precária e insuficiente. Os números qualitativos educacionais ainda revelam grande preocupação na atual conjuntura. São vários os problemas da Educação e não é possível abordá-los de uma só vez, no entanto entendemos que é preciso colocar a Educação entre as prioridades da agenda política nacional enquanto prioridade. Este é o desafio que enfrenta o atual governo do qual não tem correspondido a altura.

PROFESSORA DA FLORESTA: relatos dos desafios vivido por uma docente nos confins da Amazônia brasileira

Maria Liziane Souza Silva; Paulo Cesar Barros Pereira

A INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: alguns apontamentos

O início da carreira docente é um dos momentos determinantes na trajetória profissional do professor e geralmente é marcado pela transição da vida de estudante para a vida de professor. São momentos, em geral, cheios de questionamentos, com algumas incertezas, porém ricos em aprendizagem, aprimoramento e conhecimento, pois é aí que se começa a consolidar as bases da construção docente. Constitui-se momento rico em particularidades, expressividades e emoções.

Diante estas ideias Huberman (2000) afirma que o início da carreira docente é um período de sobrevivência e descobertas, no qual o professor assume compromissos com a escola, relaciona-se com alunos em sala de aula e mantém contato com colegas de trabalho. Para o autor, esse período pode definir o gostar ou não gostar da profissão. Na mesma linha de raciocínio Marcelo Garcia (2010) afirma que a iniciação à docência é marcada por períodos de tensões, justificando aquilo que Veenman (1984) já dizia que o iniciante convive com as hierarquias implícitas da escola desenvolvidas nas reações intra-escolar e que pode vir atrapalhar o desenvolvimento pedagógico do professor.

Geralmente o professor precisa provar para si e para a outra sua capacidade profissional, entretanto possui um objetivo maior que é criar uma boa imagem, com sucesso, precisa se sobrevalorizar para se manter no cargo e com a disciplina (CAVACO, 1999). Essa expressão *choque versus realidade* foi descrita por Veenman (1984) diante os impactos sofridos pelos professores quando ingressam na docência, de modo que, esse choque pode ocorrer tanto em meio a causas pessoais quanto situacionais. Todavia Cavaco (1999) pondera que nem todos os acontecimentos são de mesma proporção, podendo variar de uma escola para outra. Mas, um dos fatores que implicam nesta última é quanto a estrutura da escolar e a multiplicidade de tarefas ao professor (VEENMAN, 1984).

As falas destes autores revelam o problema enfrentado pela maioria dos professores em início de carreira e reflete muito daquilo vivido nos primeiros anos de docência da nossa entrevistada, a senhora Maria de Lourdes, como veremos em seus relatos no próximo tópico.

PROFESSORA DA FLORESTA: relatos dos desafios vivido por uma docente nos confins da Amazônia brasileira

Maria Liziane Souza Silva; Paulo Cesar Barros Pereira

A PROFESSORA DA MATA: lutas, desafios e práticas de uma professora em épocas remotas no Acre

Esta entrevista foi concedida em fevereiro de 2017 pela senhora Maria de Lourdes, durante viagem realizada no município de Mâncio Lima Acre. A Sra. Lourdes, hoje aposentada, demonstra as angustias e inseguranças nos anos iniciais de sua carreira. Entretanto, é de forma alegre e positiva que ela descreve tudo o que passou, afirmando que precisou ser forte, pois, ao mesmo tempo em que trabalhava como professora também era necessário exercer também outras funções, devido à escassez de recursos tecnológicos, alimentares, financeiros da época em que trabalhava na zona rural do município como vemos na fala seguinte:

No início da minha carreira a minha maior dificuldade, em primeiro lugar, era a falta de experiência de uma sala de aula como uma responsável. Eu tinha medo de fazer algo errado, mas eu tinha uma supervisora que me ajudava [...]. Naquela época, final da década de 1960, era tudo muito difícil prá lecionar porque pra chegar até a escola era horas de caminhada a pé, por estradas de lama, porque não existia pavimentação e muito menos transporte. Enfrentei muitas vezes os períodos de inverno, aí a gente tinha que levar outra muda de roupa porque a gente atravessava por dentro de igarapés com água até a cintura, as vezes nadando. Passava por pântanos inundados de sanguessugas, que grudava no nosso corpo. Era o maior alvoroço nessa hora! Mas depois a gente ria muito imitando uns dos outros do aperreio que era na hora de tirar a sanguessuga. Bom, agora prá fazer os trabalhos da escola era eu sozinha, era muito trabalho, mas eu sabia desenvolver sozinha porque final de semana eu ia tirar lenha na mata e carregava os feixes até a escola pra poder fazer merenda das crianças no fogão a lenha. Toda semana tinha que tirar a lenha na mata com machado, dava duas ou três viagens com os feixes de lenha em cima da cabeça para poder fazer o fogo da merenda dos alunos e o carvão dessa lenha era usado como giz. Não havia os materiais didáticos que tem hoje, a tinta que agente utilizada era retirada do urucum, na mata. A gente fazia a tinta também com a cinza do carvão que usava na merenda. Jogava ele na água e fazia uma cor. A cola era um mingau de goma (extraído da macaxeira) que a gente chamava de grude. A goma também servia de tinta prá gente pintar. Os pinceis era uns talos de capim que a gente batia a ponta do talo dele e ficava igualzinho um penacho de pincel. E tudo a gente dava um jeito. A gente desenvolvia a aula com os materiais do nosso alcance. Eu também era quem fazia a merenda, fazia cedo e deixava só na quintura lá no fogão que ficava do lado de fora da escola. Aí quando terminava a aula eu juntava toda louça e ia pro igarapé, era uns cinco minutos até lá. Tirava as tirnas (fuligem) das panelas com areia porque nesse tempo não tinha bombril e depois voltava prá guardar tudim. Eu quem carregava a água do igarapé pros alunos tomar. Tudo era eu quem fazia. Eu trabalhava de manhã, mas chegava em casa as 15:00 por causa desse trabalho.

Quando questionada sobre a sensação que sentia nesta época frente os desafios da escassez do material pedagógico, ela responde:

PROFESSORA DA FLORESTA: relatos dos desafios vivido por uma docente nos confins da Amazônia brasileira

Maria Liziane Souza Silva; Paulo Cesar Barros Pereira

Eu achava muito divertido, a gente fazia apresentações pra áarrecadar lápis, e papel com pauta porque depois eu pegava ele costurava áqueas folhinhas e fazia os cadernos para dar aos alunos. Agente fazia caderno até de papel de cimento, porque nessa época era difícil o papel prá gente. E tudo era difícil, mas Deus dava inteligência prá gente arrumar era assim o meu trabalho, dia a dia. E terminava com muitas felicidades porque eu tinha um amor imenso pela minha sala de aula. Eu me sentia muito feliz na minha sala de aula. Eu vejo que hoje em dia temos tudo nas mãos, as tecnologias ensinando tudo. Eu tinha uma vizinha que quando dava, quando tinha disposição ela me ajudava nesses trabalhos. Na época o meu trabalho era trinta cruzeiro, não era nem um salário mínimo, era só uns trocadinhos que eu ganhava. Pra mim receber ele, eu tinha que viajar um dia todo de barco pra poder chegar em outro município, Cruzeiro do Sul, e depois mais outro dia de barco de volta. Ixii., eu ficava muito feliz, comprava minhas coisinhas, coisinha pouco, só alguns materiais pra casa e voltava muito feliz. Era a menor taxa de salário de um professor, era esse. Tinha muitos professores que ganhava esse mesmo valor. Mas eu trabalhava com muita disposição, alegre, satisfeita. Era assim meu início de trabalho como professora. (SILVA, MARIA DE LORDES, S. ENTREVISTA CONCEDIDA EM FEVEREIRO DE 2017).

A Sra. Maria de Lourdes demonstra de forma alegre e positiva tudo o que passou, que na verdade foi tudo muito proveitosos porque fazia com amor. Precisou ser forte, pois o início docente nunca foi fácil, mas sempre tratou de torná-la melhor diante sua esperança de dias melhores. Apesar de todos os desafios enfrentados ela nunca olhou pela perspectiva negativa, pelo contrário, a satisfação em ser professora, em realizar o propósito da docência foi o que sempre a moveu.

Nossa reflexão sobre estes relatos faz-se como crítica à realidade da educação do campo no Brasil, pois, apesar de estarmos discutindo um tempo passado, estes percalços infelizmente ainda permanecem nos dias atuais do professore do campo. Historicamente estas experiências se perpetuam, por isso é importante pensar em concepções pedagógicas e metodologias de ensino que valorizem os que estão localizadas em regiões remotas.

Ademais, no centro deste discurso está o professor, parte decisiva e comprometido para fazer acontecer a educação. Diante destes desafios é preciso reconhecer a importância de seu trabalho, de oferecer condições de permanência na sua prática educativa, de seu empoderamento no protagonismo do processo educativo como parte integrante de um processo político mais amplo de lutas emancipatórias. É importante e necessária uma educação voltada para as especificidades de cada região do imenso e diversos território que é o brasileiro.

Os desafios que enfrentam os professores nas suas comunidades são enormes. Desse modo, trabalhar um currículo integrador que leve em consideração as necessidades de cada realidade contribui para o conceito de educação, defendido por Paulo Freire, como “um processo

PROFESSORA DA FLORESTA: relatos dos desafios vivido por uma docente nos confins da Amazônia brasileira

Maria Liziane Souza Silva; Paulo Cesar Barros Pereira

humanizador e emancipatório dos indivíduos”. Por isso entendemos que a existência de uma articulação entre a sociedade civil organizada e o Estado contribuirá para uma concepção de educação do campo fundada nas relações de classe.

Foto 02, 03 e 04: Professora Lourdes, hoje aposentada; à direita em momentos com suas netas em um igarapé de Mâncio Lima



Fonte: Autores, 2017

Dona Lourdes, mais conhecida como “professora Lurdinha”, é muito conhecida e querida em Mâncio Lima. Teve sete filhos, fruto de seu casamento com o agricultor Manoel Emídio e revela que conseguiu realizar seu sonho de se formar como Pedagoga aos 58 anos, quando já estava em processo de aposentadoria, em 2012. Hoje, ela divide-se entre os municípios de Mâncio Lima e a capital Rio Branco, onde mora a maioria dos filhos. Aposentada, demonstra de forma alegre e positiva tudo o que passou afirmando que é preciso ser forte e ter disposição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O início da função docente é carregado de incertezas medos e inseguranças. Esses são, geralmente, sentimentos típicos devido à falta de experiência em meio ao novo mundo pedagógico.

Acrescente-se a isto, situações de pura precariedade, seja pela escassez de matérias pedagógicas, pela falta de estrutura da escola, pelo salário irrisório pago ao professor, pelas péssimas condições climáticas e de trafegabilidade até a chegada nesta escola. Acrescente-se uma imensa e

PROFESSORA DA FLORESTA: relatos dos desafios vivido por uma docente nos confins da Amazônia brasileira

Maria Liziane Souza Silva; Paulo Cesar Barros Pereira

densa floresta com todas suas particularidades, a Amazônica. Foi assim o início da carreira docente de dona Lourdes. Cheio de dificuldades. Ao mesmo tempo em que trabalhava como professora também era necessário exercer a função de merendeira, faxineira, enfrentar as diversidades climáticas e ainda ter que reproduzir os próprios materiais pedagógicos devido à escassez na época em que trabalhou na zona rural daquele município.

Entretanto, o mais surpreendente em seus relatos é que mesmo sofrendo vários tipos de privações e dificuldades, dona Lourdes possui um amor incondicional a função docente. Ela amava sua sala de aula. Trabalha com satisfação e alegria. Amava aquilo tudo. Esse amor de Dona Lourdes reflete o que já dizia o grande mestre Paulo Freire, (1970), não se poderia pensar em educação sem amor. Bom, esses relatos revelam um dom que dona Lourdes possui, o de ensinar. Não importava as dificuldades ela sempre o fez com paixão.

Optar por refletir a trajetória de vida e as dificuldades enfrentadas por dona Lourdes nos primeiros anos de sua prática docente, objetivo deste estudo, foi gratificante, enriquecedor e construtor. Apesar de ser vivido em uma época remota, entendemos que o a construção docente acontece de forma individual a cada um e que aí podem existir certas linhas de forças que atuam ao longo de todo desenvolvimento do ciclo docente que nos exigem determinados posicionamentos, escolhas, ações, criatividade, mas, sobretudo, amor pelo que se faz.

REFERÊNCIAS

ACRE. **Acre em Números 2009**: Rio Branco: SEPLAN, 2009.

ACRE. **História e Geografia do Estado do Acre**. 2018. Disponível em: <http://minas-cidades.blogspot.com.br/2014/09/acre-historia-e-geografia-do-estado-do.html>. Acessado em outubro de 2021.

ACRE. **Prefeitura Municipal de Mâncio Lima**. Disponível em: <https://www.manciolima.ac.gov.br/galeria>. Acessado em outubro de 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 52 ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Estimativa Populacional município de Mâncio Lima 2021**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ac/mancio-lima/panorama>. Acessado em outubro de 2021.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Censo Demográfico 2010: Panorama da cidade de rio Branco**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ac/rio-branco/panorama>. Acessado em setembro de 2021

PROFESSORA DA FLORESTA: relatos dos desafios vivido por uma docente nos confins da Amazônia brasileira

Maria Liziane Souza Silva; Paulo Cesar Barros Pereira

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Estimativa Populacional Estado do Acre 2021**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ac/panorama>. Acessado em outubro de 2021.

CAVACO, M. **O** ofício do professor: O tempo e as mudanças. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão Professor** 2. ed. p. 157-191, Porto: Porto Editora, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1970.

GONÇALVES, R. C.; LISBOA, T. R. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Rev. Katál**. Florianópolis v.10 n. esp. P. 83-92, 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/Master%20Liziane/Downloads/1145-19097-1-PB.pdf>. Acessado em outubro de 2021.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. p.31-61, Porto: Porto, 2000.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

MARCELO, G. C. M. **O professor iniciante, a prática pedagógica e o sentido da experiência**. Formação Docente. v. 03, n. 03, p. 11-49, ago./dez, 2010.

POULET, G. **O Espaço Proustiano**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SILVA, Maria Liziane Souza. **A Batalha da Borracha**: Os migrantes nordestinos – memória e imaginário. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia - PPGG/UNIR. Porto Velho, RO, 2018a. 150p.

VEENMAN, Simon. Problemas percebidos de professores iniciantes. **Review of Educational Research**, verão, Vol. 54, No. 2, p. 143-178, 1984.

Recebido em: 26 de novembro de 2021

Aceito em: 27 de dezembro de 2021